

EXCLUSÃO SOCIAL ATÉ NA CRECHE



Pesquisa da FGV “Educação da Primeira Infância” aponta que maioria dos meninos e meninas em sala de aula antes de completar três anos é de filhos de quem tem dinheiro e melhor grau de instrução



Erika Klingl
Correio Braziliense

Apenas 9,43% das mais de 13 milhões de crianças brasileiras com menos de três anos estão em creches. É o que mostra a pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) “Educação da Primeira Infância”. Mais grave que isso: a maioria dos que conseguem um espaço na sala de aula antes dos três anos de idade é de filhos de quem tem melhor nível de renda e escolaridade. Até porque quase metade das vagas em creches e pré-escolas brasileiras é paga. Os números foram divulgados ontem pela FGV, com base nos censos populacionais e na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). O levantamento revela que no Brasil só 61,36% das 10.085.811 crianças de quatro a seis anos de idade estão matriculadas na pré-escola.

Para a moradora da Estrutural, Rita Maria de Lima, de 28 anos, não importa se seus três filhos estão acompanhados de outras 11 milhões de crianças. A necessidade de creche é imediata para sua vida. “Se vou a um posto de saúde porque um deles está doente, levo a turma toda”, comenta. “Aqui na Estrutural não tem creche e nem pré-escola, só meus meninos mais velhos (com sete e 10 anos) têm como estudar”, lamenta. Rita nem cogita a possibilidade de pagar pelo ensino. Mãe de cinco filhos, dona-de-casa e com o marido desempregado, ela tem outras preocupações. “Meu marido está vivendo de ‘bico’ desde que perdeu o emprego de motorista. Acordo preocupada em ter o que colocar na mesa.”

Carlos Vieira/CB/21.6.05



Sem chances: os três filhos de Rita Maria de Lima, moradora da Estrutural, nunca estiveram numa creche

De acordo com o estudo, assim como os filhos de Rita Maria de Lima, a maioria das crianças com até três anos não frequenta creches. E só 16,28% possuem mãe com 12 ou mais anos de estudo. Cerca de 4,22% das crianças com mães com o mesmo tempo de estudo não estão nas creches. Na prática, o dado mostra que a instrução da mãe aumenta em quatro vezes a chance da criança ter acesso ao ensino ainda na primeira infância. O mesmo acontece com a pré-escola.

Nas metrópoles

A maioria dos que freqüentam creches mora nas grandes capitais e regiões metropolitanas. Enquanto 15,3% das crianças dessas localidades estão em sala de aula, o número cai para 3,27% na região rural. “Falta atenção dos governos, em todos os níveis, para essa fase tão importante da educação dos brasileiros”, critica Juçara Dutra Vieira, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE).

A situação do Rio de Janeiro ganhou um capítulo à parte na pesquisa “Educação da Primeira Infância”. Foi feita uma análise, por exemplo, de mulheres que trabalham como domésticas na capital fluminense. “Pode-se pensar que as mulheres vão cuidar dos filhos de outras, com a renda familiar mais alta, mas deixam, em larga medida, suas crianças fora da pré-escola”, cita o texto do relatório.

No ranking dos municípios campeões em freqüência nas creches aparecem Pracinha (SP), com 59,44%, a ilha de Fernando de Noronha (PE), com 55,42%, e General Maynard (SE), 52,45%. Dos 10 municípios com maior proporção de crianças em pré-escola, sete estão na região Nordeste. O dado surpreendeu o economista Marcelo Neri, um dos coordenadores da pesquisa.

No caso da pré-escola, o Brasil tem quatro municípios em que 100% das crianças de 4 a 6 anos de idade estão na sala de aula. São as cidades de Viçosa (RN), São Francisco (SE), Quixabá (PB) e Vanini (RS). Para Ana Sabóia, pesquisadora do IBGE especialista em educação, a explicação está no fato de a pré-escola, na região nordestina, geralmente funciona como política compensatória, com escolas de prefeituras de pequenos municípios abrigando crianças de quatro a seis anos muitas vezes por questões meramente de alimentação.

Recursos públicos

Contra a vontade do governo federal, a relatora do projeto de lei que cria o Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), Iara Bernardi (PT-SP), colocou as creches entre os níveis de ensino que devem receber dinheiro da União, estados e municípios para garantir expansão. A idéia do Ministério da Educação (MEC) é discutir a inclusão das creches como beneficiárias do fundo apenas em quatro anos, com a entrada dos impostos municipais. Na proposta atual, os estados são os que mais investem recursos.

De acordo com a deputada, a proposta pode ser votada em 30 de novembro pela Câmara. Depois, tramitará no Senado. Com duração prevista de 14 anos (2006-2019), o Fundeb será implantado de forma gradativa. Até chegar ao quarto ano de vigência, o governo espera atender a 47,2 milhões de alunos com investimentos públicos anuais de R\$ 50,4 bilhões. Desse total, R\$ 4,3 bilhões virão de complementação da União. No atual fundo, responsável apenas pelos oito anos do ensino fundamental, o MEC investe R\$ 570 milhões por ano, em média, para a complementação. (EK)

Aposta para o futuro

Levantamento da FGV confirma: crianças que freqüentam creches antes da pré-escola têm melhores condições de vida quando adultas. Ingresso cedo influi no desempenho econômico e social do cidadão

Erika Klingl
Correio Braziliense

Investir em educação nos primeiros anos de vida é retorno social garantido. A atenção a crianças com até seis anos de vida, quem diria, influencia a vida do cidadão no futuro. Crianças que freqüentaram creches têm melhor desempenho no mercado de trabalho, menos chances de entrar na criminalidade e até deixam de figurar nas estatísticas de gravidez na adolescência. A análise faz parte do estudo "Educação da Primeira Infância", divulgado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Menos de 10% das crianças brasileiras freqüentam creches (leia mais na página 15).

De acordo com o James Heckman, colaborador da pesquisa, a educação nesta fase da vida constitui o melhor investimento social existente. "Quanto mais baixa for a idade, mais alto é o retorno recebido pelo indivíduo e pela sociedade", apresenta o estudo. O levantamento foi coordenado pelo economista da FGV Marcelo Neri, com base no Censo Populacional e na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, ambos do IBGE.

"A maioria dos países está sub-investindo em educação infantil", afirmou James Heckman, prêmio Nobel de Economia no ano de 2000, na apresentação do estudo. O economista apresenta números mostrando que a maior parte das defasagens entre o desempenho de ricos e pobres em testes de matemática, por exemplo, já existe aos seis anos de idade, antes da primeira série do ensino fundamental. Testes revelam apenas um pequena piora em relação às diferenças que já existiam aos seis anos de idade. "O principal fator da pobreza, e tenho certeza de que isto deve ser ainda mais verdadeiro no caso do Brasil, são as diferenças nos ambientes familiares e a influência disto no desempenho educacional", disse Heckman.

Além da influência do ensino na formação dos cidadãos no futuro, as creches também fazem diferença no presente. Uma mãe que pode deixar o filho pequeno na escola pode trabalhar sem preocupações e garantir seu espaço na carreira. "O ensino das crianças é o mais importante, mas não podemos deixar de lado a contribuição que as creches trazem para a igualdade de gêneros", afirma Juçara Dutra Vieira, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE). "Nada menos que 82% dos servidores ligados ao CNTE são mulheres. Muitas vezes elas não têm com quem deixar seus filhos e acabam sacrificando suas carreiras e, conseqüentemente, trazem menos dinheiro para casa."

Pesquisa internacional

Uma das pesquisas apresentadas pelo Nobel, o chamado Estudo Pré-Escolar de Perry, nome de uma escola fundamental no estado de Michigan, nos Estados Unidos, acompanhou ao longo de várias décadas um grupo de alunos negros de baixa renda que recebeu, entre três e sete anos, uma assistência educacional intensiva fora da escola, incluindo visitas às famílias.

Décadas mais tarde, as crianças deste programa, comparadas com um grupo com mesmas características, mas que não teve assistência, apresentava melhor resultado em diversos indicadores educacionais, sociais e econômicos. Por exemplo, 29% ganhavam mais do que US\$ 2 mil — cerca de R\$ 4,4 mil — por mês. E 36% tinham casa própria, comparado com 7% e 13%, respectivamente, para as que não tiveram acesso ao programa. Praticamente metade do grupo do programa colocou-se entre os 10% com melhor desempenho na escola aos 14 anos, comparado com apenas 15% no grupo sem programa. E a probabilidade de ir para prisão do grupo que participou do projeto foi metade daquela que ficou de fora.

INFÂNCIA FORA DA ESCOLA

DE 0 A 3 ANOS
População total: 13.030.942
Freqüentam creche: 9,43%
Não freqüentam
creche: 90,57%

DE 4 A 6 ANOS
População total: 10.085.811
Freqüentam a
pré-escola: 61,36%
Não freqüentam a
pré-escola: 38,63%

“ O principal fator da pobreza, e tenho certeza de que isto deve ser ainda mais verdadeiro no caso do Brasil, são as diferenças nos ambientes familiares e a influência disto no desempenho educacional ”

James Heckman, prêmio Nobel de Economia

DF acima da média do país

Atualmente, 11,31% das crianças com até três anos de idade do Distrito Federal estão em creches, dois pontos a mais que a média nacional. O índice coloca o DF em quinto lugar no ranking brasileiro de frequência escolar na primeira infância. Em primeiro lugar está o Rio Grande do Norte, com 14,67%. O problema é que no DF, a imensa maioria das crianças está em creches pagas. Apenas, 2,38% das mães conseguem matricular seus filhos com menos de três anos em escolas do governo ou de associações comunitárias. Entre quatro e seis anos, 65% das crianças estão em creches – 31% estão em instituições públicas. (EK)

Fechar Janela